



A POSTURA ESTÉTICA

Graça Castell

graca.castell@bol.com.br

Brasília-DF

2006



A POSTURA ESTÉTICA

Graça Castell¹

graca.castell@bol.com.br

Resumo

A postura estética ou a *forma estética de contemplar o mundo* é geralmente contraposta à postura prática, na qual só interessa a utilidade do objeto em questão. O estado estético pressupõe uma concentração intensa e completa. É preciso ter uma consciência de perceptiva intensa, e tanto o objeto estético como as suas diversas relações internas têm de constituir o único foco da atenção do apreciador.

Palavras-chave: Postura – Estética – Forma – Estado – Apreciador.

A Postura Estética

A postura estética, ou a *forma estética de contemplar o mundo*, é geralmente contraposta à postura prática, na qual só interessa a utilidade do objeto em questão. O verdadeiro negociante de terrenos que contempla uma paisagem só a pensar no possível valor monetário do que vê não está a contemplar esteticamente a paisagem. Para contemplá-la dessa maneira *teria de observá-la por observar*, sem qualquer outra intenção — teria de saborear a experiência de observar a própria paisagem, tomando atenção aos seus detalhes, em vez de utilizar o objeto observado como um meio para atingir determinado fim.

A postura estética distingue-se também da postura cognitiva. Os estudantes familiarizados com a história da arquitetura são capazes de identificar rapidamente um edifício ou umas ruínas no que diz respeito à sua época de construção e lugar de origem, ou ao seu estilo e a outros aspectos visuais. Contemplam o edifício, sobretudo para aumentar os seus conhecimentos, e não para enriquecer a sua experiência perceptiva. Este tipo de habilidade

¹ Mestrado em Filosofia na USP/95 e Doutorado na USP/98, em Ciências Sociais.



pode ser útil e importante, mas não está necessariamente correlacionado com a capacidade de desfrutar a própria experiência da contemplação do edifício. A capacidade analítica pode eventualmente melhorar a experiência estética, mas pode também inibi-la. Quem se interessa por arte devido a um objetivo profissional ou técnico está particularmente sujeito a afastar-se da contemplação estética. Isto conduz tal indivíduo diretamente a outra distinção.

A forma estética de observar é também diferente da forma personalizada de fazê-lo, na qual o observador, em vez de contemplar o objeto estético para captar o que este lhe oferece, considera antes a relação desse objeto consigo próprio. Quem não dá atenção a uma obra musical, usando-a apenas como estímulo para uma fantasia pessoal, acaba por não estar a ouvir esteticamente, mesmo que pareça o contrário.

Disto segue-se que muitos tipos de respostas aos objetos, incluindo às obras de arte, ficam à margem do campo da estética. O orgulho de possuir uma obra de arte, por exemplo, pode interferir na resposta estética. A pessoa que reage com entusiasmo perante os seus convidados ao ouvir uma sinfonia no seu próprio equipamento estéreo fônico, mas que não reage à interpretação da mesma sinfonia quando a ouve por meio de um equipamento idêntico na casa do seu vizinho, não está a ter uma resposta estética. O antiquário ou o diretor de museu — que ao escolher uma obra de arte tem que ter presentes o seu valor histórico, fama e época — pode sentir-se parcialmente influenciado pela apreciação do valor estético, mas a sua atenção desvia-se necessariamente para fatores não estéticos. Do mesmo modo, se uma pessoa aprecia uma peça de teatro ou um romance porque espera encontrar informações relativas à época e ao lugar em que a obra foi escrita está a substituir o interesse pela experiência estética pelo interesse em adquirir conhecimentos. Se uma pessoa aprecia favoravelmente uma determinada obra de arte por esta ser moralmente edificante ou *por defender uma causa justa*, está a confundir a postura moral com a estética, o que também ocorre se a condenar por motivos morais e não conseguir separar essa censura da apreciação estética.

Os Sentimentos e a Estética

O termo *desinteressado* usa-se muito para descrever a postura estética. O desinteresse é uma qualidade do bom juiz, que se manifesta quando este é imparcial. O juiz pode estar pessoalmente envolvido num certo caso, no sentido em que estuda profundamente a sua solução, mas ao julgar o caso não pode estar pessoalmente envolvido, no sentido em que deve evitar que os seus sentimentos ou simpatias pessoais o influenciem ou afetem de qualquer forma. A imparcialidade em matérias morais e jurídicas certamente caracteriza o chamado *ponto de vista moral*, mas não é nada claro de que maneira o homem tem que se mostrar desinteressado, ou seja, imparciais, ao contemplar um quadro ou escutar um concerto. Há uma necessidade de imparcialidade como num conflito entre duas partes litigantes? *Julgar imparcialmente* faz sentido, mas o que significa observar ou escutar imparcialmente? *Imparcial* é um termo relacionado com situações em que existe um conflito entre partes litigantes, mas não parece ser um termo útil quando se tenta descrever a forma estética de contemplar as coisas.

Um modo menos confuso de descrever a experiência estética é fazê-lo em termos de relações internas *versus* externas. Quando se contempla esteticamente uma obra de arte ou a natureza, fixa-se apenas nas relações internas, ou seja, no objeto estético e nas suas propriedades, e não na sua relação com quem a contempla, nem sequer na sua relação com o artista que a criou ou com o nosso conhecimento da cultura em que surgiu. A maior parte das obras de arte é muito complexa e exigem toda a atenção. O estado estético pressupõe uma concentração intensa e completa. É preciso ter uma consciência de perceptiva intensa, e tanto o objeto estético como as suas diversas relações internas têm de constituir o único foco da atenção do apreciador.

A Estética e seu Valor

Não se pode compreender o importante conceito de forma na arte sem mencionar alguns dos critérios principais que são utilizados pelos críticos e filósofos na análise da forma estética. Quais serão, então, os princípios formais a partir dos quais se deve apreciar uma obra de arte, pelo menos no seu aspecto formal? Muitos autores ofereceram diversas sugestões a este respeito, mas o critério central e mais universalmente aceito é o da unidade. A unidade é o oposto do caos, da confusão, da desarmonia: quando um objeto está unificado, se pode dizer que tem consistência e não tem nada de supérfluo. No entanto, há que especificar mais esta condição. Uma parede branca vazia ou uma superfície uniformemente azul tem unidade, no sentido em que nada a interrompe. Mas apenas se deseja a unidade nas obras de arte que têm uma grande complexidade formal. Assim, a fórmula habitual é a da *diversidade na unidade*. O objeto unificado deve conter dentro de si um amplo número de diversos elementos, onde cada um contribui em alguma medida para a total integração do todo unificado, de modo a que não exista confusão apesar dos elementos díspares que o integram. No objeto unificado, todas as coisas são necessárias, e nenhuma é supérflua.

Geralmente, ao substantivo *unidade* acrescenta-se o adjetivo, *orgânica*. Como uma obra de arte não é um organismo, o termo é claramente metafórico. Esta analogia baseia-se no fato de nos organismos vivos, a relação entre as diversas partes ser interdependente, e não independente. Nenhuma parte atua isolada: cada parte ou elemento colabora com os outros, de tal modo que uma mudança num elemento torna o todo diferente. Em outras palavras, as partes relacionam-se internamente, e não externamente. Deste modo, se numa certa obra de arte uma mancha amarela estivesse noutra lugar, isso alteraria todo o caráter da obra pictórica, e o mesmo aconteceria numa obra teatral se uma determinada cena não estivesse precisamente onde está.



Evidentemente, a idéia de unidade é uma idéia de valor. Significa, por exemplo, que numa boa melodia, pintura ou poema não se poderia mudar uma parte sem prejudicar o todo.



REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

HOSPERS, J. *Estética: Historia y Fundamentos*, Cap. 1. Seleção, s/d.